I ENCONTRO INTERNACIONAL DE ETNOMUSICOLOGIA NEGRA

16 a 18 de Junho de 2026

Salvador

MARACATU, COCO E IJEXÁ: relações rítmicas a partir da experiência alagoana

Jose Wilson dos Santos (Mestre Wilson Santos)
Universidade Federal de Alagoas /UFAL
orquestradetambores@hotmail.com

Resumo

Este resumo apresenta a participação de José Wilson dos Santos, conhecido como Mestre Wilson Santos, na roda de conversa "Bate-papo sobre Samba e Maracatu", realizada durante o I Encontro Internacional de Etnomusicologia Negra, na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador–BA, entre os dias 16 e 18 de junho de 2026. A fala partiu da minha experiência como mestre, percussionista, luthier e pesquisador das manifestações culturais de Alagoas, com atenção especial ao coco, ao maracatu e aos instrumentos construídos e utilizados pelos mestres da cultura popular. Durante a apresentação, procurei mostrar, por meio da prática e da demonstração dos toques, que os ritmos não ficam separados em caixas. Eles se encontram, passam uns pelos outros e, muitas vezes, apresentam células rítmicas que só aparecem quando a gente escuta e desmonta cada parte com cuidado. Apresentei um ritmo que reconheço como uma espécie de célula-mãe da cultura alagoana, presente no coco, no Guerreiro e no maracatu alagoano. Também tratei dos registros feitos por Théo Brandão a partir das lembranças de pessoas que aprenderam os toques e as loas com seus pais e avós, destacando a importância dessas gravações para a compreensão de formas antigas do maracatu em Alagoas. Com o pandeiro e o agogô, mostrei ainda uma aproximação entre o maracatu e o ijexá, observando como a retirada ou a presença da marcação grave modifica a forma de ouvir e perceber os dois ritmos. A partir desse exercício, falei sobre a maneira como o maracatu alagoano e pernambucano, o coco, o Guerreiro, o ijexá, o samba de roda e o samba-reggae podem apresentar pontos de contato, mesmo pertencendo a contextos diferentes. Outro momento da participação foi a apresentação da bizunga, instrumento percussivo tradicional de Alagoas, que conheci em 1995 por meio do Mestre Venâncio, mestre de coco já falecido. O instrumento estava guardado e sem uso na Associação dos Folguedos Alagoanos, e foi ele quem me ensinou a reconhecer a bizunga, confeccioná-la e entender a sua forma de tocar. Embora pareça com um caxixi, ela tem outro formato, outra maneira de ser executada e materiais próprios, como o coité e o cipó de titara. Ao levar a bizunga para o encontro, procurei mostrar uma parte da cultura alagoana que poderia ter se perdido se não tivesse sido retomada e transmitida. A experiência também reforçou que muitos conhecimentos musicais não estão apenas nos livros ou nas partituras, mas na memória, na escuta, no corpo e na prática de quem aprendeu fazendo. Assim, a participação na roda de conversa foi uma oportunidade de apresentar ao público as relações que venho percebendo entre os ritmos nordestinos e de afirmar a importância dos mestres, dos instrumentos e das formas de tocar na continuidade das culturas afro-brasileiras e afro-indígenas.

Palavras-chave: Maracatu alagoano; Coco alagoano; Ijexá; Bizunga; Percussão; Cultura Popular.